

# A Sapucaí pelos olhos do sambista: uma jornada pelos sambas-enredos<sup>1</sup>

Thiago Acacio de ALMEIDA<sup>2</sup>  
Carlos Henrique Vale de Paiva<sup>3</sup>

## RESUMO

Este trabalho surge durante as pesquisas exploratórias realizadas para a construção da dissertação de mestrado em curso buscando compreender, por meio de uma cartografia sensível, os múltiplos sentidos da Marquês de Sapucaí para os sambistas desfilantes das escolas samba do Rio de Janeiro. Sendo assim, este artigo volta seu olhar para as composições de sambas-enredos em seus contextos socio-históricos e as performances dos sambistas a fim de compreender de que maneira o sambódromo carioca é representado poeticamente para, desta maneira, observar as narrativas construídas, que ajudam a traçar indícios e a pressupor os imaginários desses atores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Carnaval; Escolas de Samba; Imaginário; Sambódromo; Comunicação.

## INTRODUÇÃO

Um território é composto por múltiplas relações e materialidades que precisamos observar para compreendê-lo. Sua identidade, nunca determinada de uma vez por todas, é fruto das relações estabelecidas com o espaço pela experiência, pela memória, pelos “fixos” e “fluxos” que tornam aquele espaço, um espaço apropriado, modificado e portanto, um território (SANTOS, 2006). A Marquês de Sapucaí, “Passarela do Samba”, ou, desde 1987, “Passarela Professor Darcy Ribeiro”, com seus 85 mil metros quadrados, que comporta cerca de 70 mil pessoas, é o palco do megaevento que se tornou o Carnaval Carioca. É um espaço complexo, misto de corpos, experiências, memórias e

---

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Comunicação do PPGCom-UERJ, e-mail: [contatothiagoacacio@gmail.com](mailto:contatothiagoacacio@gmail.com).

<sup>3</sup> Mestrando em Humanidades Digitais pelo UFRRJ, e-mail: [carlospaiva.contato@gmail.com](mailto:carlospaiva.contato@gmail.com).

imaginários que se interpõem, se atropelam. Lugar de luxo, de resistência, de êxtase, de paixão, de dor e de redenção.

Era na rua Marquês de Sapucaí, localizada no centro histórico do Rio de Janeiro, que ficava a casa de Benzinho Bamboxê de Ogum, apontada por Agenor Miranda Rocha (1994 apud CONDURU, 2010) como uma das quatro primeiras casas de nação Kêtu do Rio de Janeiro. Fazia parte do território da “Pequena África”, berço do samba, reduto dos negros baianos, local de resistência negra, de gente pobre, de concentração das religiões de raízes africanas que vão se espalhar pelo estado. Foi este o local escolhido para a criação do Sambódromo, mistura de samba e “dromo” (do grego “lugar pra correr”), em 1983, por decisão do então governador Leonel Brizola e seu vice-governador, o antropólogo Darcy Ribeiro. (CABRAL, 1996). Um espaço simbolicamente ligado à resistência da cultura negra no Rio de Janeiro.

Ali perto, residiu Hilária Batista de Almeida, a famosa Tia Ciata, negra, baiana, líder comunitária, quituteira, iniciada no santo por Bamboxê ainda na Bahia, casada com João Batista, negro e funcionário público. Aprendeu cedo a negociar com a “gente branca”, era visitada por gente graúda em busca das requintadas roupas de baiana que alugava (MOURA, 1995).

A casa de Tia Ciata foi importante ponto de preparação e desfile dos ranchos carnavalescos, que passavam embaixo de sua janela para lhe prestar homenagem. O carnaval carioca, fora modificado pelo pernambucano Hilário Jovino Ferreira, que transformou a cultura dos ranchos cariocas ligados às festas cristãs natalinas aos moldes baianos, saindo no carnaval, com o endosso das entidades públicas. Em torno da Praça Onze nascia o “Pequeno Carnaval”, onde os ranchos se organizavam e desfilavam. (MOURA, 1995). Da Praça Onze, para a Avenida Presidente Vargas, para a Avenida Rio Branco, para a Presidente Antônio Carlos, no Estádio de São Januário, a partir de 1978, para a Rua Marquês de Sapucaí e, em 1984, finalmente inaugura-se o sambódromo, onde os desfiles cresciam, o Carnaval ganhava notoriedade e os sambistas reivindicavam um espaço para os desfiles, não sem conflitos (MARINS JÚNIOR, 2011).

## **ANALISANDO AS LETRAS**

Para este estudo foram analisadas composições de sete sambas-enredos que desfilaram na Marquês de Sapucaí após a inauguração do Sambódromo. O método de escolha das obras observadas se deu a partir do resultado buscas sistemática no *Google*, correlacionando termos de interesse para a pesquisa e através das respostas obtidas em entrevistas realizadas com sambistas em quatro grupos de *Whatsapp* que reúnem torcedores de diversas escolas, seguindo o critério de que a letra dos sambas deveria apresentar algum trecho que atribuisse significado ao sambódromo. No quadro abaixo encontram-se relacionados os sambas escolhidos para esta análise:

**Quadro 1: o corpus da pesquisa**

<b>Enredo</b>	<b>Escola</b>	<b>Ano</b>
A visita da nobreza do riso a Chico Rei, num palco nem sempre iluminado	G.R.E.S. Caprichosos de Pilares	1984
Por que sou carioca?	G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio	1990
Águas claras para um rei negro	G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio	1992
Mineirinho genial! Nova Lima - Cidade natal. Marquês de Sapucaí, o poeta imortal!	G.R.E.S. Beija-flor de Nilópolis	2016
Zezé Motta - A deusa de ébano!	G.R.E.S. Acadêmicos do Sossego	2017
Só com a ajuda do santo	G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira	2017
Na Madureira moderníssima, hei sempre de ouvir cantar uma Sabiá	G.R.E.S. Portela	2019

Fonte: Elaboração própria

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas letras do sambas-de-enredo foi possível encontrar atribuições à Marquês de Sapucaí como: “Meu Quilombo” (G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio, 1992); “Templo Sagrado” e “Apoteose de todo sambista” (G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis, 2016); “Altar do Samba” (G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira, 2017) e “Avenida Saudosista” (G.R.E.S. Portela, 2019). Identificar essas atribuições de sentidos à “Avenida Marquês de Sapucaí” conduz a afirmação da hipótese inicial de pesquisa: embora território da cidade espetacularizado, midiaticizado, programado para ser um espaço de consumo cultural destinado ao turismo, os sambistas cariocas vivenciam esse espaço como um “lugar sagrado”. Há, desse modo, disputas de imaginários sobre esse território.

## REFERÊNCIAS

CABRAL, Sérgio. **As escolas de samba do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Lumiar Editora, 1996.

CONDURU, Roberto. **Das casas às roças**: comunidades de candomblé no Rio de Janeiro desde o fim do século XIX. *Topoi* (Rio J.). 2010, vol.11, n.21 [cited 2020-10-18], pp.178-203.

HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cíntia Sanmmartin (Orgs). **Cidades musicais: comunicação territorialidade e política**. Porto Alegre: Sulina, 2018.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1983. 2 ed. rev. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura 1995